



27 de Agosto de 2015

## EM DIA

### A CHINA TREME...



**PEDRO DUTRA FONSECA**  
Professor Titular do Departamento de Economia  
e Relações Internacionais da UFRGS

**E**o Brasil balança junto, complicando ainda mais a conjuntura econômica, já afetada pela crise política. Há, pelo menos, três consequências inevitáveis.

A primeira, mais propalada, tem reflexo imediato: a menor demanda chinesa por commodities, como soja e minérios, a afetar a já problemática balança comercial do país. Se algo novo marca a economia brasileira neste início de século, é a substituição da China pelos EUA como maior destino de nossas exportações, algo impensável há poucos anos. A crise atual expõe a fragilidade deste modelo. Não pelo fato de ser exportador, o que sempre é ótimo para qualquer país, mas por centrar-se em produtos de baixo valor agregado e alta volatilidade de preços, como reforça a crise atual.

A segunda consequência é o pré-sal. A crise chinesa, somada a outros fatores, como a expansão da produção americana e do Iraque, levou o preço do barril de petróleo

despencar a US\$ 40, considerado o limite para viabilizar os investimentos da já combatida Petrobras. Claro que as decisões de investimento dependem mais das expectativas de preços futuros, mas o fato é que o valor atual ter chegado a esse nível traz mais um componente de incerteza em um cenário já turbulento.

A terceira considero a mais preocupante, pois afeta diretamente a indústria e o emprego, já combatidos pela recessão. Ao desvalorizar o yuan para manter a competitividade de suas indústrias, a China desmente a interpretação de que, com a crise, iria voltar-se para o mercado interno. Os sinais são de que encampará essa opção sem abrir mão da vocação exportadora. As duas não são excludentes. Isso limita os que comemoram a desvalorização do real – mais de 30% só em 2015 – como forma de retomar as exportações industriais, inclusive na América Latina, onde a China desbancou o Brasil em vários setores. Parceiro complicado.